

# Violação de tornozeleira e risco de fuga definem futuro de Bolsonaro



» JACQUELINE VALLES  
Advogada criminalista, mestre em direito penal, especialista em criminologia, professora universitária

**A** prisão preventiva do ex-presidente Jair Bolsonaro, decretada na madrugada desse sábado (22/11), é mais do que uma medida cautelar: ela desenha o roteiro de como ele deverá cumprir sua pena de 27 anos e 3 meses por tentativa de golpe de Estado. A decisão do ministro Alexandre de Moraes, com o aval da Procuradoria-Geral da República (PGR), foi construída sobre dois pilares do Código de Processo Penal: a garantia da aplicação da lei penal e a preservação da ordem pública, sinalizando que a paciência do Judiciário com o comportamento do ex-mandatário chegou ao fim.

A decretação da preventiva indica que, para o Supremo Tribunal Federal (STF), as medidas alternativas à prisão se esgotaram. A justificativa se baseia em uma sequência de fatos concretos que, somados, formaram um cenário de risco iminente. O estopim foi a violação da tornozeleira eletrônica, admitida pelo ex-presidente em vídeo. Do ponto de vista jurídico, o ato não é apenas uma infração técnica, mas uma demonstração de desdém pelas ordens judiciais.



## A satisfação de não sentir prazer: justiça, vingança e o caso Bolsonaro



» RENATA MEDEIROS  
Mestre em ciência política e relações internacionais, é psicanalista

Sinto uma satisfação serena — e até um certo alívio — por não experimentar aquele prazer profundo, de contornos vingativos, diante da prisão justa e merecida de Jair Bolsonaro, que mentiu, levantou dúvida contra o árbitro da democracia, a Justiça Eleitoral, fez acusações infundadas, sem a mínima prova, buscando o retorno ao sistema de fraudes das cédulas de papel, mediante o descrédito da urna eletrônica.

Há quem celebre, há quem senta euforia moral. Em mim, algo mais sólido prevalece: o senso de justiça. Quando a lei alcança alguém que dela se desviou, cumpre-se um princípio civilizatório que está acima de desejos pessoais de revanche.

Sempre acredeitei no binômio causa e consequência. Se alguém, seja quem for, decide se colocar à margem das normas que regem a vida democrática, deve também se submeter às consequências previstas por essas mesmas normas. Não há excepcionalidade possível quando se trata de responsabilidade. A lei existe para ser aplicada, sobretudo a quem fez da impunidade um modo de operar na vida pública.

No parlamento, depois que excluído do Exército, encontrou na extrema-direita um terreno fértil para se distinguir. Não por qualidades políticas, mas pela retórica agressiva e pelo discurso

Bolsonaro, diferentemente da imagem de mito que projetou sobre si e que tantos aceitaram, nunca esteve acima do bem e do mal. Essa autoimagem parece nascer justamente daquilo que mais tentou esconder: fragilidades, ressentimentos e a necessidade contínua de provar uma grandeza que não se sustenta. A gente sempre acaba se convencendo do que tenta convencer o outro.

A necessidade dele de transgredir — não como gesto revolucionário, mas como subversão da hierarquia para reafirmar um poder que não possuía — acompanha sua trajetória desde o Exército. Ali, onde o respeito às ordens deveria ser estrutural, Bolsonaro buscou construir sua narrativa de força por meio da insubordinação. Tido por um mau militar, segundo o General Geisel, está nas memórias desse ilustre militar, ditadas à Fundação Getúlio Vargas. Não se sabe como e por que militares de alta patente, até oficiais generais aposentados e um admirante se associaram a ele na trama de descumprir a lei e a Constituição.

Sua potência sexual, tão repetidamente exibida, era apenas mais um instrumento de fabricação de convencimento onde só havia mérito próprio e, possivelmente, enganoso. Ridiculamente, proclamava-se imbrochavel, um super-homem. No final, entretanto, fazendo-se — verdade ou mais uma mentira — mortificado por moléstias várias, com medo de ser preso na Papuda.

No parlamento, depois que excluído do Exército, encontrou na extrema-direita um terreno fértil para se distinguir. Não por qualidades políticas, mas pela retórica agressiva e pelo discurso

estratégia preventiva. Ao determinar assistência médica 24 horas para o ex-presidente na Superintendência da PF, a Corte neutraliza proativamente essa linha de defesa já no pedido que sustenta a prisão preventiva. A medida não apenas assegura a integridade física do ex-presidente, mas também blinda a decisão judicial contra alegações de omisão ou violação de direitos humanos.

Ao garantir a infraestrutura de saúde dentro do sistema prisional, o STF sinaliza que está preparado para manter o regime fechado, esvaziando um dos argumentos mais recorrentes em casos de grande repercussão. A defesa, naturalmente, pode e irá recorrer da decisão. Contudo, enfrentará os mesmos fatos que motivaram a própria prisão. A violação da tornozeleira, o histórico de risco de fuga e a mobilização de apoiadores são elementos objetivos que criam um obstáculo robusto, de difícil superação até mesmo para a mais hábil argumentação jurídica. O ônus da prova agora se inverte: não basta mais argumentar em tese, será preciso desconstruir uma realidade fática criada pelas ações do próprio ex-presidente.

Em última análise, a violação dos termos judiciais e a percepção de risco de fuga criaram uma nova e desfavorável realidade processual para Jair Bolsonaro. A Corte, ao prover suporte médico, neutraliza uma conhecida e eficaz estratégia de defesa. Resta aos advogados a tarefa de tentar revertêr um cenário adverso, cujas bases foram estabelecidas pelo próprio ex-presidente. Ao que tudo indica, será um desafio de proporções herculeas.

**A** realização da COP30 em Belém marca um ponto de atenção não apenas para a capital paraense, mas para toda a Amazônia e para o debate global sobre o clima deste momento. Esse evento não foi apenas uma conferência de líderes mundiais, mas também foi o palco onde a ciência e os saberes tradicionais da nossa região se ergueram com voz e protagonismo inéditos.

## UFPA, um território de diálogo global na Amazônia



» GILMAR PEREIRA DA SILVA  
Professor, doutor em Educação e reitor da Universidade Federal do Pará

Para a Universidade Federal do Pará (UFPA), sediar grande parte das atividades paralelas e atuar como um propagador do conhecimento e diálogo consolidou o papel essencial das universidades amazônicas na construção de soluções sustentáveis. A participação da UFPA na COP30, capitaneada pelo movimento "Ciência e Vozes da Amazônia", extrapolou os limites do ensino e da pesquisa. Transformamos nosso território universitário em espaços vitais de intercâmbio, desde a Cúpula dos Povos, um momento fundamental para o fortalecimento das vozes indígenas, quilombolas e ribeirinhos, até a intensa programação na Zona Azul e na Zona Verde, mostrando que a universidade pública é o berço onde a inovação dialoga com a ancestralidade. Nesse espaço acadêmico à beira do Rio Guamá, também tivemos a oportunidade de exercer nosso diálogo internacional consolidando acordos de cooperação, motivados pela presença inédita do presidente Emmanuel Macron, que conheceu nosso projeto de expedição científica Brasil-França.

No contexto da COP, firmamos parcerias estratégicas, como o acordo de cooperação com o Supremo Tribunal Federal (STF), evidenciando que o desenvolvimento sustentável exige o alinhamento entre ciência, direito e justiça climática. Nossos projetos culturais, como a reabertura do Conjunto dos Mercedários-UFPA, prédio que data do século 17 e hoje com a primeira etapa de restauração concluída com apoio de parceiros como o BNDES e Vale, a instalação do Fórum Landi e a inauguração de exposições e galeria, levaram o impacto de uma conferência na Amazônia para o âmbito popular, conectando a teoria global à realidade das comunidades locais e à rica sociobiodiversidade que é a essência de nossa identidade.

A UFPA também se reafirmou como um vetor de desenvolvimento regional e inclusão ao acolher em sua escola de aplicação mais de 3 mil indígenas de diferentes povos do planeta na chamada "Aldeia COP", permitindo uma experiência única e humana.

Encerramos a COP30 com um otimismo inabalável, mas profundamente realista. Esse é um sentimento que reside na visibilidade que a Amazônia conquistou, sendo finalmente reconhecida não apenas como um cenário de crise, mas como a protagonista das respostas globais. A realidade, contudo, nos impõe desafios monumentais que a Conferência apenas sublinhou e amplificou.

O grande desafio da ciência amazônica pós-COP é consolidar a sua soberania, exigindo financiamento robusto e contínuo para pesquisas que traduzam a nossa megabiodiversidade em bioeconomia, inovação e tecnologia. Não basta gerar dados. É imperativo que o conhecimento produzido aqui se transforme em política pública e em um novo ciclo de ensino e aprendizado dentro da própria universidade. A discussão sobre a transição energética e o desenvolvimento competitivo da Amazônia exige a formação de profissionais capacitados, o que reforça nosso projeto de alcançar, por exemplo, um uso significativo de energias renováveis em nossos próprios campi.

A experiência da COP30 nos convoca a uma mudança de mentalidade radical, pois o legado não pode ser apenas material, como obras de infraestrutura. Deve ser, acima de tudo, intelectual. E a voz dos povos da Amazônia, que ecoou forte na UFPA nos dias da conferência, não pode ser silenciada. O maior desafio social é garantir a justiça climática assegurando que as populações mais vulneráveis das periferias urbanas, comunidades tradicionais e povos indígenas sejam o centro das soluções e não apenas as vítimas das mudanças climáticas.

Precisamos ampliar o diálogo, desmistificar a ciência e garantir que o conhecimento chegue à ponta, empoderando as comunidades a serem gestoras dos próprios territórios. A COP 30 foi a semente plantada na terra de Belém. Agora, o verdadeiro trabalho começa. O legado da Conferência é a certeza de que a solução para a crise climática global está inextricavelmente ligada à ciência e às vozes que emanam da Amazônia. A UFPA está na linha de frente, comprometida em transformar o conhecimento em ação e a esperança em um futuro sustentável para todos. Convidamos a comunidade acadêmica, a sociedade e nossos parceiros globais a caminharem conosco nesse novo ciclo de responsabilidade e protagonismo.